

HISTÓRIA ABREVIADA
DE BELA CRUZ

VICENTE FREITAS

HISTÓRIA ABREVIADA
DE BELA CRUZ

História Abreviada de Bela Cruz

Copyright © 2014 by Vicente Freitas de Araujo

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Normalização de texto, revisão vernacular e diagramação: Vicente Freitas

Tratamento de imagens:
Francesco Petrarca de Araujo Costa

Imagem da capa: Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Bela Cruz — CE.

Clube de Autores
www.clubedeautores.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freitas, Vicente
História Abreviada de Bela Cruz / Vicente Freitas de
Araujo. — Joinville, SC: Clube de Autores, 2014.

ISBN: 978-85-916141-7-2

1. Bela Cruz — Ceará — História
2. Locais históricos
3. Municípios — Brasil — História

I. Título

15-00246

CDD: 981.31

Índice para catálogo sistemático:
Bela Cruz : Ceará : História 981.31

*A Academia Cearense de Letras,
a homenagem do autor*

“A verdade é o que é — e, exatamente por ser imutavelmente o que é, ela tem que ser a nossa grande segurança”.

Clarice Lispector — *A paixão segundo G.H.*

ÍNDICE

CAPÍTULO	I	— Sesmarias — Primeiros Povoadores	21
CAPÍTULO	II	— As Charqueadas	38
CAPÍTULO	III	— De Sítio Santa Cruz a Bela Cruz	49
CAPÍTULO	IV	— Formação Religiosa	70
CAPÍTULO	V	— Ensino e Educação	109
CAPÍTULO	VI	— Vida Cultural e Social	121
CAPÍTULO	VII	— Economia	135
CAPÍTULO	VIII	— Saúde	161
CAPÍTULO	IX	— A Velha do Chapéu Grande	174
CAPÍTULO	X	— Memórias de Emílio	193
CAPÍTULO	XI	— Mário Louzada	231

POEMETO PARA BELA CRUZ

— Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.

João Cabral de Melo Neto

Contemplando teus campos naturais
Pólen, pingos de orvalho — na úmida várzea —
Teu aniversário ousa hoje comemorar
E novamente canto teu cenário silvestre:
Espessos pomares
Casinhas modestas
Quintais pastoris
Com ruídos de vila e senzala.

Teus pequenos fatos anônimos
Hoje queremos cantar,
Com amor mais ardente
Com zelo mais forte.

Desta verde paisagem ribeirinha
Jamais olvidamos
Vaz Carrasco, o patriarca
Capitão Diogo Lopes, o médico
João Damasceno, o poeta
Joca Lopes, o músico...
— Onde estão todos eles?
Sobre as margens deste rio encantador
Permanecem.

Tua gente tem a face curtida por sóis luzentes
E sabe avançar
 recuar
 resistir
 defender-se.

Tua história contém tudo:
Corpos
 almas
 significados
Amores
 belezas
 paixões
Orgulho
 delicadezas
 canções
Esperanças
 benefícios
 doações
Experiências
 resultados
 conclusões...
(Deleites da terra;
 lida enfadonha...)

— Onde a gente de bem trabalha e sonha. (1)

1 FREITAS, Vicente. In *As Melhores poesias do século*, Litteris Editora, RJ, 2002.

PREFÁCIO

“As gerações de seres vivos se substituem e, como corredores, passam uns aos outros a tocha da vida”.

Tito Lucrécio — Filósofo romano — 220 a. C.

LITERALMENTE, tal procedeu o autor, no discorrer do texto, tornando prazerosa esta prefação do estudo que narra, do nascimento aos presentes dias, a longa história de sua gleba. Desde os sesmeiros que, pioneiramente ali pisaram; fincaram as primeiras estacas e fundaram os primeiros alicerces; bravamente defrontando a natureza hostil e competindo com o tórrido semiárido, tendo-se que refletir — procediam do Velho Mundo. Bravos e destemidos, nada temeram e a tudo afrontaram, dando vida ao primitivo sítio Santa Cruz, hoje Bela Cruz, na região do Baixo Acaraú, cuja História, desde a *raiz, madeira, casca, folhas, flores e frutos*, com esmerada minúcia e competência, à posteridade transmitiu.

Trabalho de tal valia histórica, só proveria da erudição e abnegação da pena de um Vicente Freitas de Araújo que, desde a juventude evidenciou inclinação à lide das letras. Na mocidade, frequentou e conviveu com escritores e poetas na celebrada Casa de Juvenal Galeno; cursou e concluiu os indispensáveis, alcançando licenciatura em História e Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), além de se tornar escritor, jornalista e poeta. Nesta faina, basta lembrar o belo poema posterior ao índice deste estudo — *Poemeto Para Bela Cruz* — onde e primorosamente traduz em versos a História e o Amor ao

seu chão, às suas raízes e às copiosas famílias que frutificaram e formam sua gente.

Mostra seu estudo, que não deslembrou-se de que História e Genealogia são matérias interagentes e, unidas memorizam e narram o trajeto das civilizações, distribuídas pelos continentes, estados, províncias, municípios, povoados e cidades, até chegar à família, genetriz em princípio. O conhecimento histórico, não permitiu que se descuidasse do Médio Acaraú, relatando em extensa cronologia os vínculos genéticos que unificam as linhagens daquelas Ribeiras, e, na função de historiador por certo recordou Marco Túlio Cícero, príncipe da eloquência latina, que sempre viu na História a Mestra da Vida.

As ilustradas qualificações intelectuais e acadêmicas do autor, não conseguiram ocultar a indisfarçável herança genética que o sangue dos avoengos lhe impôs aos *sentidos*, pois em sua psique de raízes sesmeiras, tal mostra o texto, assomam a *visão* do curral e do chiqueiro, com seu gado e caprinos; *ouve* o sibilar do vento nas carnaubeiras; por inteiro e integralmente se regala com o *cheiro* do caju e o aroma da castanha assada; não esquece o delicioso *sabor* do beiju e das tapiocas nas farinhadas; por fim e sobremodo *teme*, a invariável presença e perversa chegada da “Velha do Chapéu Grande”; enfim, celebra em prosa e verso seu chão e, por extensão, sua gente.

E... notável parente, a idade que em nós avistam não se conta pelos anos que degradam a matéria, senão pelo que produzimos no domínio das letras, narrando a História e trazendo à memória nossos maiores, resgatando-os da poeira do tempo. Parabéns!

Fernando Araújo Farias
Historiador e Genealogista

APRESENTAÇÃO

ESTE livro é mais uma notícia ou roteiro destinado ao melhor conhecimento da história da ribeira do Acaraú e, especialmente, do município de Bela Cruz. Tem como alvo esclarecer o que há de real e de fictício nas crônicas e anais daqueles que nos precederam (pelas veredas da história) nesta região das sesmarias de Manoel de Goes.

Como observara Euclides, “há um excesso de subjetivismo no ânimo dos que entre nós, nos últimos tempos, cogitam de coisas tão sérias. Começam excluindo, em grande parte, os materiais objetivos oferecidos pelas circunstâncias mesológica e histórica”; o que também discordamos, em parte. Cientes, no entanto, de que a modernidade é a subjetividade empenhada em se objetivar. (1)

Embora não seja nossa intenção desprezar a importância da lenda, esta biografia, devidamente pesquisada, documentada, precisa e em ordem cronológica, procura apresentar uma versão racional da história deste município. Goebbels, ministro da propaganda de Hitler, dizia: “a verdade não é o que aconteceu e sim o que o povo pensa que aconteceu”. Ao contrário de Goebbels — e seus seguidores — o nosso objetivo, aqui, é dizer o que realmente aconteceu.

1 “Cogito ergo sum” significa “penso, logo sou”; ou ainda “Dubito, ergo cogito, ergo sum”: “Duvido, conseqüentemente penso, logo existo”. Assim Descartes chama o homem para a realização da subjetividade objetivante. Foi a partir deste momento que a ciência e a técnica se tornaram a metafísica da modernidade. Percebendo suas indagações, o homem começa a penetrar na compreensão do real, à medida que responde às interrogações de sua subjetividade. Toda afirmação válida e verdadeira tem que ser necessariamente resposta verdadeira e válida a uma determinada indagação do homem. (Cf. DESCARTES, René. *Discurso do Método*. L&PM, 2005.)

E, encarada como tal, esta notícia, quer nos mostrar, ainda, um esboço genealógico de algumas famílias que, de 1683, até os dias presentes — trabalhando, estudando, viajando, comerciando, transportando — viveram e vivem, procuraram e procuram essa terra para suas proezas e atividades.

O topônimo — Santa Cruz — foi seu primeiro nome, conforme consta na Escritura do terreno doado para o Patrimônio da Capela, em 1732, e nas milhares de Certidões de Batismos, Casamentos e Óbitos, conservadas nos Livros Paroquiais da época, até 1938, quando o Decreto Federal nº 311, deu-lhe a denominação de Bela Cruz, que prevalece até hoje. É o berço que acolheu a família Vaz-Carrasco, vinda de Pernambuco, no início do século XVIII, ligada aos Albuquerque, Araújo, Cavalcante, Goes, Holanda, Vasconcelos e Xerez; terra que acolheu portugueses — e descendentes — que deram origem às famílias do Vale do Acaraú.

Afora as consultas que fizemos aos Arquivos Paroquiais, e à valiosa hemerobibliografia, em relevo a *Revista do Instituto do Ceará* (publicada desde 1887), quiçá, a mais importante e séria publicação, sobretudo no que concerne à divulgação e ao revisionismo da nossa História, Geografia e Antropologia; talvez — no mais — todo o mérito deste livro esteja em reunir, num só lugar, boa parte do acervo estudado nestas fontes. Não hesito em alongar, nesse tocante, as transcrições que houver de fazer — sempre que isso se tornar necessário — para melhor e mais eficiente compreensão e entendimento dos fatos.

Os lugares, quaisquer que sejam eles, contam uma história, dão forma a um passado que, envolvendo as pessoas que lá habitam, fazem desse passado uma história comum. E, como diria Graciliano, nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que anotei; o que julgo relevante. Outros já publicaram dados diversos. Não os contesto, mas espero que não recusem os meus: conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade.

Este livro registra a pequena povoação que começou provavelmente, em 1683, com currais de gado e alguma plantação do sesmeiro Manoel de Goes, ou 1702, com Nicolau da Costa Peixoto e sua mulher Paula de Sá. A Capela, construída em 1732, foi o princípio da invocação de Nossa Senhora da Conceição. Posteriormente, aqui chegaram Manoel Vaz Carrasco, José de Xerez Furna Uchoa, Domingos Aguiar

de Oliveira, José de Araújo Costa e outros, hoje aqui estudados como troncos genealógicos da região.

Gilberto Freyre sustentava que os pesquisadores têm, além do anjo da guarda, um anjo da vanguarda, que os leva a tesouros insuspeitados. Creio nesses anjos, sim. E é com eles que vos apresento a segunda edição de *Bela Cruz — biografia do município*, agora, revista e ampliada.

Testemunhamos a nossa gratidão a todos que nos ajudaram nesta pesquisa, contribuindo, assim, para a melhor identificação dos fatos e fatos aqui relacionados.

‘Dado este cavaco, entremos na matéria’.

Muito obrigado.

Vicente Freitas

VICENTE FREITAS
HISTÓRIA ABREVIADA DE BELA CRUZ



Vicente Freitas autografa “Bela Cruz — biografia do município”



Capítulo I

SESMARIAS — PRIMEIROS POVOADORES

AS CONCESSÕES de sesmarias no Ceará começaram a ser postas em prática a partir do governo do Capitão-mor Sebastião de Sá. ⁽¹⁾ Eram outorgadas mediante pedido escrito em que o pretendente declarava o seu nome ou o do beneficiário, o lugar de sua moradia, a localização geográfica da terra solicitada e o objetivo que tinha em mente, este, em geral, na região nordestina, visando à criação de gados.

Tristão de Alencar Araripe explica essas concessões: “No Brasil, as terras eram perfeitamente desapropriadas; e as sesmarias consistiam na concessão de uma mínima parte deste imenso deserto que o braço europeu ia tentar rotear. Notável diferença devia, pois, haver nas sesmarias em Portugal e no Brasil. Ali questionava-se de propriedade anteriormente existente, e as extensões eram limitadíssimas: aqui a questão de propriedade anterior desaparecia, e era amplíssima a vastidão das terras.

1 Capitão-mor do Ceará por duas vezes, uma por Carta Patente de 7 de maio de 1678 e outra por nomeação de 26 de setembro e C. P. de 13 de outubro de 1684. Como substituiu do seu 1º governo, que se estendeu até 11 de setembro de 1682, tomou posse Bento de Macedo de Faria, escolhido a 29 de maio de 1681; substituiu-o da 2ª vez Thomaz Cabral de Olival, nomeado a 19 de julho de 1687. (Cf. STUDART, Barão de. *Geographia do Ceará*, Fortaleza: Instituto do Ceará, 2010. pp. 114-15.)

Por algum tempo — acrescenta Araripe — “os concessionários pagavam pensão das sesmarias que tiravam, sendo de 4\$000 réis anuais por légua de terra; depois foi diminuída essa pensão; e finalmente suprimiu-se, em atenção aos sacrifícios, que faziam os povoadores dos sertões, e às vantagens, que ao fisco resultavam da criação dos gados. Concedida uma sesmaria o concessionário era obrigado a demarcá-la judicialmente dentro de dois anos, e pedir depois a confirmação régia, sob pena de perder a mercê: o que se estabeleceu por lei de 1703 e 1753; mas essa disposição era geralmente desprezada”. (2)

Primeiramente, a atribuição para expedir cartas de sesmarias coube aos Donatários de Capitania ou quem os representasse, passando mais tarde ao Governador Geral e por fim aos Capitães-mores, Governadores das Capitânias. Dos Sesmeiros, alguns poucos se situavam, eles mesmos, trazendo os seus gados e construindo precárias instalações, outros os confiavam a prepostos ou *vaqueiros*, homens experimentados nas agruras do sertão, capazes de defrontar as rudezas do meio e o ataque dos índios e das feras. É o regime do *absenteísmo* de Capistrano. (3)

Euclides achega: “o fazendeiro dos sertões vive no litoral, longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vezes. Herdaram velho vício histórico. Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem, parasitariamente, as rendas das suas terras, sem divisas fixas. Os vaqueiros são-lhes servos submissos”. (4)

2 Cf. ARARIPE, Tristão de Alencar. *História da Província do Ceará*. p. 132.

3 Capistrano denominava *absenteísmo* a ausência de sesmeiros nas terras doadas, facto muito comum, na época. Aurélio registra: “Sistema de exploração rural no qual um intermediário (administrador, gerente, capataz) se interpõe entre o proprietário, que não reside em suas terras, e aqueles que as cultivam”. O Pe. Antônio Gomes Araújo lembra que “o sesmeiro não constituía símbolo de precedência em seus sesmos. Na maioria, se encheram do produto dos arrendamentos e vendas em que retalharam os latifúndios que nada lhes custaram”. (Cf. ARAÚJO, Antônio Gomes, Pe. *Povoamento do Cariri*. Fortaleza: UFC, 1973. pp. 134-36.)

4 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. p. 85.

No Ceará, os colonos foram de preferência se estendendo pelas margens dos rios, mais apropriados à fundação das fazendas de criação ou cultura, razão porque as datas regularmente eram pedidas e concedidas da foz para o centro na proporção do aumento da população. Nos títulos de sesmarias é, pois, frequente a cláusula: “respeitados os direitos dos heréus já providos desde a barra do rio”.

Os vaqueiros vinham para ficar, já informados sobre a situação dos sítios onde iam construir suas cabanas e disseminar os gados e os currais. Vinham pelos sertões de dentro e de fora, subindo e descendo os Chapadões, cortando os Vales dos rios, com o gado sempre à frente, se apoderando do sertão imenso. (5)

“Pode-se chamar pernambucanos os sertões de fora, desde Paraíba até o Acaraú no Ceará; baianos os sertões de dentro, desde o rio São Francisco até o sudoeste do Maranhão”. (6)

Seria o boi o grande fator de exploração, porque, ao mesmo tempo, valia, vivo — como dinheiro — trocado por mercadorias e bens, e como força de tração, para tanger os engenhos e puxar os carros de bois; valia pela carne, como alimento, e valia por sua pele, matéria prima de que, em cru ou transformado em solas, se utilizou o sertanejo para o preparo da roupa de vaqueiro e de quantos arreios, móveis e utensílios exigia a vida da vaqueirice, que caracterizaria a tão falada civilização do couro. (Raimundo Girão)

5 “Nenhuma palavra mais ligada à história do Brasil, sobretudo à do Nordeste, do que a palavra sertão. (...) O termo sertão penetra fundamente na história e na vida do povo brasileiro. Reflete-se de modo extraordinário no seu folclore e na sua literatura, por onde espalha todos os seus derivados”. (Cf. BARROSO, Gustavo. *À margem da história do Ceará*, vol. I. Fortaleza: ABC Editora, 2004.)

6 Cf. ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de história colonial*. Brasília: Senado Federal, 2006. p. 205.

Além destas vantagens, eram comuns as cláusulas de isenção, por parte do sesmeiro, do pagamento de tributos e a do gozo pleno, por ele e seus herdeiros, de todas as águas, campos, testadas, logradouros usáveis da área doada e demais úteis que nelas houver; sendo, porém, obrigado a dar caminhos livres ao conselho e aos particulares para fontes, pontes e pedreiras. Outros deveres do sesmeiro consistiam na efetiva ocupação e aproveitamento da terra recebida, dentro do prazo da lei, a apresentação do respectivo título para anotação no livro de registros, e a demarcação da sesmaria.

Temos notícia de que o nosso litoral já era todo conhecido em 1587; pois Gabriel Soares de Souza no seu *Tratado Descritivo do Brazil*, escrito nesse ano em Madrid, descrevendo as nossas costas, do norte para o sul, trata da costa do Ceará, com indicação dos pontos principais. Eis a descrição de parte relativa ao Ceará: “D’este Rio Grande (Parnaíba), ao Rio dos Negros são sete leguas; o qual está em altura de dous grãos e um quarto; e do Rio dos Negros (Camocim) ás Barreiras-Vermelhas (Jericoacoara) são seis leguas, que estão na mesma altura; e em uma parte e outra tem os navios da costa surgidouro e abrigada. Das Barreiras Vermelhas á Ponta dos Fumos são quatro leguas, a qual está em dous grãos e $1/3$. D’esta ponta ao Rio da Cruz (Camocim) são sete leguas, e está em dous grãos e meio em que tambem tem colheita os navios da costa. Affirma o gentio que nasce este rio de uma lagoa, ou de junto della, aonde tambem se criam perolas, e chama-se este Rio da Cruz, porque se mettem n’elle perto do mar dous riachos, em direito um do outro, com que fica a agua em cruz. D’este rio ao do Parcel (Acarau) são oito leguas, o qual está em dous grãos e meio”. (7)

7 SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brazil em 1587*. Comentado por Francisco Adolpho de Varnhagen. Rio de Janeiro: Typographia Universal Laemert, 1851. p. 23.

A leitura desta descrição mostra com quanto cuidado havia sido visitada a costa do Ceará, de maneira que, antes do fim do século XVI, ela era perfeitamente conhecida.

Mais tardio devia ser o reconhecimento do interior. Os rios Jaguaribe e Acaraú foram os dois canais, ou antes, as duas estradas principais, por onde a nossa população progrediu em sua marcha de ocupação. Reconhecida a idoneidade, das ribeiras, para a criação do gado, vacum e cavalar, e demais espécies, foram se estabelecendo fazendas de criar por uma e outra margem dos rios.

Segundo registro do Padre Fortunato Alves Linhares, a primeira sesmaria da Ribeira do Acaraú foi concedida no dia 23 de setembro de 1683, aos pernambucanos, Manoel de Goes e seus companheiros Fernando Goes, Francisco Pereira Lima, Manoel de Almeida da Ruda, Pe. Amaro Fernandes de Abreu, Estevão de Figueiredo e Simão de Goes de Vasconcelos. (8)

De Manoel de Goes sabemos que foi homem abastado. Era proprietário da Capela do Capítulo do Convento de S. Antônio do Recife, como se vê da escritura datada de 4 de abril de 1704: “Declaro que meus testamenteiros do melhor da minha fazenda entregarão ao síndico dos religiosos de S. Antônio, cinquenta mil réis, para com o parecer do Reverendo Pe. Guardião os pôr a juro seguro, para rendimento de uma missa quotidiana

8 “Os povoadores da Ribeira não podiam ter outra procedência, pois já em 1683, aos 23 de setembro, Manoel de Goes e mais seis companheiros, naturais da Capitania de Pernambuco, cujos apelidos eram: Pereira, Almeida, Da Ruda, Abreu, Fernandes, Vasconcelos, todos troncos de famílias que ainda existem na região, obtiveram do Capitão mor Bento de Macedo uma data de sesmaria de três léguas de terra, para cada um; pelo Rio Acaracu (Acarau) acima, a começar das águas doces do dito rio, perfazendo ao todo vinte e uma léguas, estendendo-se mais ou menos a sesmaria até o local onde foi edificada a povoação do Riacho dos Guimarães”. (Cf. LINHARES, Fortunato Alves, Pe. Notas históricas da cidade de Sobral. In *Revista do Instituto do Ceará*, vol. 36, 1922. p. 256.)